



## CATÁLOGO

---

### Núcleo Linguístico

O **MUSEU DO FALSO** é um Museu de Território fundado em 2012 e sediado em Viseu, com modelo expositivo físico “pop-up” e permanência Online. Aborda as noções e questões do Património Cultural, identidade e comunidade(s), através de criações “concept-specific” sob a premissa de Simulacro - a partir de elementos historiográficos.

Pelo seu 10º Aniversário criou o Núcleo Linguístico, quanto aos pontos de contato/separação que a língua portuguesa pode gerar entre todos os que de algum modo a partilham.

# Carta da Direção do Museu do Falso, a propósito do Núcleo Linguístico

*Bons olhos Vos vejam!*

Se foi esta a primeira das vezes que nos encontrámos – dizemos perscrutando o futuro – então esperamos que a admiração causada pelo tom não Vos incomode. O tom é uma coisa séria, tão séria quanto a ironia de que nos diziam sermos possuidores. Isto vai para dez anos que nos disseram e, sentimos ainda, poderão dizer.

Ora, na coloquialidade de não escrever com a pontuação adequada, esta carta que Vos endereçamos é um agradecimento. Surpresos? Agradecemos o terem sabido de nós. Melhor: o terem vindo a saber de nós. Variando circunstâncias e propósitos, nunca deixámos, contudo, de ser o que pretendemos inicialmente: um Museu de Território. O que começou por ser de Viseu, passou a outras esferas e territórios, andou de mala às costas (de quem a carregasse... “hélas”; finos que somos e usamos Estrangeiro nas cartas) por países e aldeias, no seu “pop-up” arrevesado. Primeiro as aldeias e só depois os países, em abono da verdade. Oh, a Verdade! Em 2012 quando viemos a ser, a Verdade era Clássica: Bom, Belo e Verdadeiro, em indissociável trindade. O que, em sequência, não poderia ser Falso. Ou seja, como queríamos ser um Museu Verdadeiro, demos-lhe o Falso como engodo. Fomos despistando os incautos durante anos a fio...

Neste momento, deste dia em que Vos escrevemos, confessamos o despropósito. Com a Verdade Vos enganámos. Sem bolos, que isso é para os tolos. A Vós, apenas com o que de facto existia, por sob um nome “marketizável”.

Em 2021, faz um ano agora, mais coisa menos coisa, soubemos e pretendemos que o Museu do Falso, dos nossos amores e angústias, fosse mais amplo e reconhecível. Pedimos paciência e Apoio à DGArtes e – olhos lacrimejantes com o recordar do ecrã de telemóvel, em dia de decisão – lá veio uma nota com “Proposto para Apoio”. Pronto, aqui estamos...

O que definimos para esse (este) 10º Aniversário foi um Núcleo (somos dados a isso na organização do nosso acervo) inteiramente novo. O Núcleo Linguístico do Museu do Falso, ascendeu das entranhas de um desejo até ao ponto de, entre Curadoria de Pedro Pires e contributos de Babu, Binelde Hyrcan, Alice Marcelino, Luís Belo, Steven Barich, Joana Taya, Nuno Rodrigues, [o próprio] Pedro Pires, José Cirillo e René Tavares, se poder apresentar o dito. O dito Núcleo do dito Museu com ditas incorporações. Do sobredito fez-se caminho de Norte a Sul e muito Centro. O Museu do Falso é um Papa-Léguas!

A equipa, que o Museu a tem, vem sempre em Ficha Técnica, que o Museu a tem. Essa é grande e sempre injusta, ainda assim e apesar de tudo. Isto para não falar de Parceiros e Companheiros. Sempre fica a mácula de não dizer que somos mais de 100, mais de mais de 100, em dez anos de emergência Patrimonial que vamos resgatando uma peça e uma apresentação de cada vez.

Bons Olhos. Bons Olhos que Vos vejam mais amiúde.  
Sábado? Cá em casa? “Lanche-ajantarado”, pode ser?  
*A Direção do Museu do Falso*

## Da Direção Artística

O especial convite para integrar a direção artística do Núcleo Linguístico do Museu do Falso em 2022 fez-me percorrer um território novo, mas os caminhos certos foram, lentamente, desvendando-se através dos autores que foram convidados.

Esta foi uma oportunidade única para explorar o conceito de território. O que para mim unifica os projectos apresentados é o modus como cada autor escolheu abordar a língua portuguesa: o que escolheram ou como o escolheram, foi essencial. Os processos artísticos são variados, singulares e muitas vezes inexplicáveis, por isso, o fulcral foi perceber a sensibilidade de cada um dos autores que convidei durante este desafio e preservá-la durante o processo.

O papel que assumi realizar com estes autores foi o de simplesmente os convidar para um jantar. Por vezes, durante a refeição, voltei a encher-lhes o copo de vinho ou reforcei um dos acompanhamentos, nada mais.

Não é fácil olhar para os territórios onde a língua portuguesa existe e fazer escolhas, afinar ou dissecar, por isso tenho perfeita noção que o desafio lançado era imenso, em tamanho e peso.

Cada autor optou por estratégias diferentes: a Alice Marcelino atrai a nossa atenção para a importância da palavra escrita, para o seu poder enquanto prova histórica; em a “Mulher sem nome”, Babu aborda o poder da imagem no contexto linguístico e a ambiguidade entre explicação e documento; Binelde Hyrcan é o único autor a utilizar o som e oralidade, com o humor que lhe é conhecido, conseguindo assim colocar a identidade angolana no seu projecto; Joana Taya encontra intersecções entre a sua memória e a memória popular; já René Tavares mostrou uma sensibilidade para a relação entre o objecto e o seu contexto histórico; Steven Barich aborda a língua portuguesa com coragem e inocência; Luís Belo revela-nos a ambiguidade das palavras e o humor presente nos contextos do dia a dia; Nuno Rodrigues usa a língua e a escrita no espaço, fazendo lembrar o movimento OuLiPo; José Cirilo faz-nos olhar para a singularidade e autonomia da escrita, e para a sua importância documental.

As abordagens são diversas e os resultados ainda mais, mas o que é essencial é o olhar único como cada um intersectou o desafio com a sua noção do que é o território da língua, declarando o que é mais importante para si.

*Pedro Pires, Lisboa, 2022.*

# Acervo

## NÚCLEO LINGUÍSTICO

### Retrato de Princesa do Huambo ou “A Mulher sem Nome”

PROVENIÊNCIA: Babu / Hamilton Francisco  
MF.2022.001

### Gravação relativa à aquisição e legalização de Jacarés

PROVENIÊNCIA: Binelde Hyrcan  
MF.2022.002

### Documentos referentes a Elias Coelho Cintra

PROVENIÊNCIA: Alice Marcelino (via Museu da Escravatura de Lisboa - MEL)  
MF.2022.003

### Sinal de identificação – vandalizado – da localidade “ABRANDA”

PROVENIÊNCIA: Luís Belo  
MF.2022.004

### Fragmento de texto não publicado de Bernardo Soares “Uma Língua sem Factos”

PROVENIÊNCIA: Steven Barich  
MF.2022.005

### Placa publicitária do Edifício “Anacional”

PROVENIÊNCIA: Joana Taya  
MF.2022.006

### Peça Comemorativa da Constituição da CPLP: “Lusom-Ipsum”

PROVENIÊNCIA: Nuno Rodrigues  
MF.2022.007

### Fragmento de pega [direita] do 1º Roboteiro construído em Angola

PROVENIÊNCIA: Pedro Pires  
MF.2022.008

### Proto-Thesaurus Anchieta

PROVENIÊNCIA: José Cirillo (via Fundação Museu Anchieta)  
MF.2022.009

### Réplica Contemporânea de Vénus Yoruba

PROVENIÊNCIA: René Tavares  
MF.2022.010

## Retrato de Princesa do Huambo ou “A Mulher sem Nome”

AUTOR: Desconhecido

TIPOLOGIA: Fotografia (pintada sobre tela)

DATA: 1956 (anterior a)

N.º DE CATÁLOGO: #055

N.º DE INVENTÁRIO: MF.2022.001

PROVENIÊNCIA: Babu / Hamilton Francisco

As informações infra foram retiradas do caderno de notas de Luísa F.:

Encontrada durante as obras de construção do 1º Metro de Lisboa, em 1956, 1 ano depois do começo da construção, na zona dos Restauradores, é a transposição para tela, de uma fotografia representando uma antiga princesa do Huambo, adquirida por João Antunes, um fotógrafo residente na rua do Poço dos Negros, em Lisboa, natural de Esmolfe.

Era um grande colecionador de fotos de mulheres, e esta foi adquirida a um antigo trabalhador do metropolitano de Lisboa.

Com o seu falecimento, todo o espólio, se desmembrou, e uma parte dele foi parar às mãos de sua filha Esmeralda Antunes que ainda vive em Esmolfe.

Numa viagem de trabalho a Esmolfe conheci D. Esmeralda, que me falou do seu pai, e mostrou-me a enorme coleção de fotos que herdou dele, fixei-me nesta, pelo olhar ausente da mulher, guardei-a comigo durante muito tempo, até que um dia, quando abri o caderno que guardo cuidadosamente desde esses tempos, nem queria acreditar, ainda guardava aquela foto comigo, porquê?

O meu imaginário atravessou as águas revoltosas do Atlântico, e consegui parar no meio destes dois pedaços de história, ainda por contar.

Tinha ali aquilo que parecia ser uma figura de mulher, de alguém com quem já me tinha cruzado na vida, quase que até conhecia a sua voz, será que estava a ficar louco?

Guardei a imagem, mas com o incômodo e curiosidade de saber o que seria aquilo, comecei a minha aventura, percorri todos os recantos da velha Lisboa, desde o Arquivo da Torre do Tombo, aos arquivos de algumas Ordens religiosas, no intuito de encontrar uma resposta.

Aquela que me lembro melhor, foi de um velho barbeiro em Alfama chamado Zé Geraldo, no diz que diz reza a história, que essa jovem era uma princesa abastada, que vivia em Nova Lisboa, na altura a grande metrópole portuguesa, onde vivia a grande elite, os grandes burgueses, homens de negócios uma verdadeira cidade cosmopolita, isto nos meados de 1800. Essa jovem era dotada de uma beleza única, e de um talento ainda maior, falava-se que ela era descendente da grande guerreira Nzinga Mbande



Conseguia encantar todos os homens que se cruzavam no caminho, deitava-lhe um feitiço, que todos eles ficavam doentes e moribundos. Mas houve um que foi diferente, um viajante baixinho de pele muito branca, proveniente da colónia Portugal, tão distante, que ela quase nunca ouviu falar.

Enamorou-se de tal forma que quis conhecer a terra do seu amado, mas para isso tinha que atravessar o Atlântico, viajar de barco e o medo estava entranhado no seu inconsciente. Quando era criança, ouvia histórias macabras sobre as travessias dos barcos no Atlântico, mas o amor falou mais alto e a jovem fez-se ao mar com o seu amado.

Sabe-se que essa jovem, além de bela e guerreira, tinha pose de princesa, e adorava fumar cachimbo, tinha uma bela voz. Um amigo do barbeiro Zé Geraldo contou-me, que parece, esta mulher, cantou muito fado, acompanhada do seu amado à guitarra. Ninguém se lembra do seu nome, sabem apenas que tinha pele muito escura, olhos grandes e cabelo bem crespo, o seu amado era franzino, pálido e descendia de uma família abastada de Carregal do Sal. Parece que os dois deram grande animação nos bairros de Alfama a cantar o fado. Conta-me o Zé Geraldo, até se falou em fazer uma estátua, em sua homenagem, mas como ninguém se lembrava do seu nome, foi um projecto que caiu.

Consta que existe uma grande fadista de Lisboa, que é sua descendente, até na voz são parecidas, mas ainda não se apuraram os factos.

**BABU / HAMILTON FRANCISCO** Hamilton Francisco ou, simplesmente Babu, nasceu em Angola, em Malanje, em 25 de Abril de 1974. Desde muito cedo teve a paixão pela pintura. Estudou desenho industrial no Centro de Formação e Tecnologia Manauto em Luanda. Já em Portugal, aprofundou o seu conhecimento na Arte. Trabalha com diversas formas visuais. Como artista visual depois de participar no Projecto Museus no Centro, em Coimbra. Criou e desenvolve o projecto de investigação artística "Memória e Identidade", onde reflecte, e materializa grandes questões da história de África na sua relação com o mundo, e a relação entre, colono/colonizado. Tem participado em várias exposições individuais e colectivas, bem como residências artísticas em vários países. As suas obras estão presentes em coleções públicas e privadas, em Angola e no estrangeiro como, Fundação Millennium Atlântico, CLC Arquitectos, Presidente Meridien Luanda, coleção Jean Clode de Almeida. Nas palavras do próprio: "Memória e Identidade é uma trabalho em construção permanente, cria uma necessidade de busca e ao mesmo tempo uma reflexão sobre aquilo que somos, o que nos conduziu até aqui, questiona e enaltece toda uma história por contar, remete-nos para um passado ancestral e projecta-nos para uma África contemporânea, uma necessidade de afirmação de Identidade. O trabalho artístico é agora uma janela que se abre para o mundo onde se projetam os sonhos, os medos, as histórias, as vivências, o imaginário, as crenças. Cabe ao artista reflectir e intervir, materializar todos esses pensamentos. Pode ser um trabalho documental, ou apenas um ponto de vista aleatório, depende de quem olha para ele, podemos friccionar ou apenas questionar, mas todo o trabalho tem que ter um toque de poesia para que chegue à maioria. No meu trabalho MEMÓRIA E IDENTIDADE existe como que uma desconstrução do imaginário atual para tentar chegar àquilo que nos trouxe aqui, remete-nos para uma reflexão sobre a influência da cultura Africana no mundo, como o observamos e como nos observa. Somos nós artistas que temos que criar esses fios condutores de reflexão para enaltecer África no mundo. Um mergulho numa riqueza cultural silenciada, mas que agora se ergue para traçar caminhos alternativos nos trilhos da globalização. Uma nova forma de desbravar a dicotomia entre passado e presente, entre tribal e contemporâneo, entre o real e o imaginário. Hoje vivemos uma cultura descartável, em que apostamos numa visão retórica do imediato, mas sem perceber o que nos trouxe até aqui. Para entendermos o que somos hoje temos que recuar décadas, uma situação 'FRÁGIL' mas que tem que ser trabalhada, e a forma mais fácil e rápida de entender é através da Arte. No meu trabalho eu traço estas linhas 'do Tribal ao contemporâneo'. E por isso a minha aposta neste grande projecto em permanente construção. A necessidade de o conduzir para além da memória, materializá-lo e sustentá-lo em pilares que nos diferenciam e nos aproximam. Coimbra, Agosto de 2014, Babu (Hamilton Francisco) "

## Gravação relativa à aquisição e legalização de Jacarés

AUTOR: Binelde Hyrcan

TIPOLOGIA: Registo Áudio (Telemóvel)  
legendado

DATA: 2022

N.º DE CATÁLOGO: #056

N.º DE INVENTÁRIO: MF.2022.002

PROVENIÊNCIA: Binelde Hyrcan

"Mas pode ter um jacaré vivo?"

Tenho tido conhecimento destas histórias/loucura ao ouvir Manuel, um homem que conheço, que me falou da possibilidade de tornar um jacaré inofensivo através da vacinação. Claro que não o levei a sério, mas a sua história foi intrigante o suficiente para que eu decidisse investigar mais.

Viajo até cerca de 100 quilómetros de Luanda, onde vivem comunidades que foram deslocadas pelo governo, aquelas de que Manuel me contou. Esta região tem muito pouco a ver com a Capital de Angola, a natureza ainda domina com vegetação densa e a presença do rio Kwanza. Aqui encontramos facilmente animais selvagens tais como hienas, girafas, elefantes e, claro, jacarés.

Fui a esta zona duas vezes: uma vez para visitar o Parque Natural de Kissama e descobrir que não era muito difícil comprar crocodilos: os jacarés bebés estão a ser vendidos em vasos à saída do Parque; Uma segunda vez, nas proximidades de casas, onde de facto vi um jacaré que tinha sido apanhado no rio e preso a um barco. Foi nesta zona que gravei esta conversa surrealista sobre jacarés.

"Mas isso é apenas um animal normal... É uma vacina que eles dão para bloquear o seu sistema de raiva."

(...)

"Mas é jacaré. Tem de ter documento."

"Não tem nada disso. Depois de crescer é que você trata dos documentos."

There is no need to document this is  
just after when he grows up You do him papers.

Documents for the crocodile ???

Yes! If dogs have documents, why not for him!

## Documentos referentes a Elias Coelho Cintra

AUTOR: Não Identificado

TIPOLOGIA: Documentos de Arquivo

DATA: 1829 e 1835

N.º DE CATÁLOGO: #057

N.º DE INVENTÁRIO: MF.2022.003

PROVENIÊNCIA: Alice Marcelino (via Museu da Escravatura de Lisboa – MEL)

**Binelde Hyrcan** Nascido em 1982 em Luanda, Binelde Hyrcan passou os primeiros anos da sua vida em Angola. Uma criança durante a guerra, ficou profundamente marcada pelas mortes e destruição maciça na cidade. O mais novo de uma família de treze crianças, logo sentiu o desejo de construir muros para se proteger contra um mundo de desespero. Aos dez anos de idade, construiu uma bicicleta gigante a partir de pedaços de ferro-velho que encontrou junto à sua casa. Sempre um engenheiro peculiar, também cosia pára-quadras para cães e gatos... Um enfant terrible, mas inventivo, o pré-macramento do seu trabalho já era evidente...

Na sua adolescência, foi estudar em França e foi lá que começou os seus estudos artísticos. Depois de completar um bacharelato em Nice, entrou para a Escola de Belas Artes do Mónaco: o Pavilhão do Bosio. Lá, encenou uma performance que o faria falar de todas as esquadras de polícia da cidade. Enquanto estava sentado numa gaiola que ele próprio tinha feito, pediu aos transeuntes que o empurrassem, ou melhor, ordenou-lhes que o fizessem, porque ele afirmava ser um rei. Foi uma actuação sobre o terremoto e o absurdo do poder; quando se é rei, mas numa jaula... Mais tarde, reproduziu esta actuação, entitulado Rei, em Luanda, Angola, bem como em Maputo, Moçambique. Este seria o seu primeiro passo para um trabalho que contivesse como temas comuns o absurdo do poder e a zombaria da vaidade humana. Trabalhou então numa série de galinhas recheadas que vestia com trajes humanos: galinhas-soldado debaixo da asa de um galo rei, uma galinha rainha rainha e uma galinha juíza que as levava à morte. Na sua frente, caixões do tamanho de galinhas. Também em exposição estava uma galinha cosmonauta a fazer um discurso. Delírios de grandeza (peças de arte expostas no Museu de Arte Contemporânea de Lisboa, no Museu Colecção Berardo, na exposição No Fly Zone, em 2013, bem como em Marselha)... Uma galinha Napoleão, uma orgia de galinhas (exposta em Milão e Mónaco, 2014); galinhas em todo o lado e em todas as posições, sempre, porém, com a intenção de ridicularizar o poder daqueles que também são poderosos e, portanto, libertando-se. Esta é a busca de Binelde Hyrcan: nas suas instalações e performances ele quer que reflectamos sobre o absurdo representado pelos costumes e atitudes políticas e sociais. Para tal, senta-se numa cadeira gigante no meio de Luanda, mesmo em frente a uma construção estatal, mais significativamente directamente debaixo de uma árvore algo especial, aquela que contém mais aves na cidade e, portanto, a maior quantidade de excrementos. Um dia, durante todo o dia, Binelde Hyrcan, vestido elegantemente, receberia um grânulo de excrementos na sua cabeça. Ele baptizou a sua actuação de White Rain; a chuva branca de excrementos de aves... Tudo foi filmado e mostrado numa exposição no Mónaco. Homem para todos os officios, Binelde Hyrcan não se detém em espectáculos e instalações.

Participou também na concepção do cenário da exposição Jacques Tati em 2009 na Cinématographie française; inventou a cadeira Moye, uma cadeira baseada em teclados de computador, em colaboração com Domeau & Perès para Pharell Williams; realizou muitos vídeos musicais para músicos como Mathieu Chedid (Le roi des ombres), Tahiti Boys e Jack N'Kanga; fez a cenografia de um concerto do muito popular cantor Patrice; filmou crianças em Luanda sonhando em conduzir um grande sedan enquanto se sentava num poço de areia na praia e fez uma curta-metragem sobre elas intitulada Cambeck. Binelde Hyrcan são também aqueles pequenos personagens que povoam telas, cartolinas, pranchas de madeira e garrafas de vinho; pequenos personagens muito simplesmente chamados Naïve boys. Com um grande sorriso nos lábios, são ingénuos sobre a vida, mas usam T-Shirts que falam muito sobre os seus desejos: "Chupa-me", "Sê feliz", "Eu posso ver-te", "Achas que sou especial?"... Desejos cada vez maiores, melhores e abençoados. "Vamos repintar o mundo", diz Binelde Hyrcan com muita frequência.

### 1. Relação de pessoas escravizadas pertencentes a Elias Coelho Cintra.

O documento é datado de 8 de Junho de 1835. Nele, estão registradas onze pessoas escravizadas, entre elas seis crianças entre dois e sete anos de idade, e cinco mulheres entre quinze e vinte e oito anos de idade. É também discriminada a cor, naturalidade, filiação e aptidão para o trabalho forçado que iriam desempenhar.

O documento é assinado por Elias Coelho Cintra, na província de Pernambuco, município de Recife, na paróquia de Santo António. No canto inferior esquerdo é a assinatura e testemunho de um oficial.

Autoria: Relação de escravos pertencente a Elias Coelho Cintra

Tipologia: Documento de Relação

Data: 23 de Março de 1835

Proveniência: Museu Escravatura de Lisboa (M.E.L)

### 2. Artigo de jornal do Diário de Pernambuco, datado de 1829, com um anúncio de Elias Coelho Cintra a dar como recompensa 50 mil alviças a quem encontrar "três negros novos, grandes (...) nação Angolla, tem no peito a marca E", furtados do seu armazém na noite de 20 de Março de 1829.

Os documentos fazem parte da coleção nacional do Museu da Escravatura de Lisboa (M.E.L) e cedidos temporariamente, ao Museu do Falso.

Autoria: Diário de Pernambuco

Tipologia: Página de Jornal

Data: 8 de Junho de 1829

Proveniência: Museu Escravatura de Lisboa (M.E.L)

Ata de um Conselho de Guerra, em 17 de Maio de 1797, sobre a expedição de 100 soldados para a Bahia.

N.º	Nome	Grado	Estado	Observações
1	João de Deus	Capitão	Presença	
2	Francisco de Paula	Capitão	Presença	
3	Antonio de Souza	Capitão	Presença	
4	Antonio de Almeida	Capitão	Presença	
5	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
6	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
7	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
8	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
9	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
10	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
11	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
12	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
13	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
14	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
15	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
16	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
17	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
18	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
19	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
20	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
21	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
22	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
23	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
24	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
25	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
26	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
27	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
28	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
29	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
30	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
31	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
32	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
33	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
34	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
35	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
36	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
37	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
38	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
39	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
40	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
41	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
42	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
43	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
44	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
45	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
46	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
47	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
48	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
49	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
50	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
51	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
52	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
53	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
54	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
55	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
56	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
57	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
58	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
59	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
60	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
61	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
62	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
63	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
64	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
65	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
66	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
67	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
68	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
69	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
70	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
71	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
72	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
73	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
74	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
75	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
76	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
77	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
78	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
79	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
80	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
81	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
82	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
83	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
84	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
85	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
86	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
87	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
88	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
89	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
90	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
91	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
92	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
93	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
94	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
95	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
96	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
97	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
98	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
99	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	
100	Antonio de Albuquerque	Capitão	Presença	

( 200 )

SUPLENTE.  
**O Capitão Manoel Feijó da Silva**  
*Da Capella Filial do Bonito.*  
**JUIZ DE PAZ.**  
**O Capitão Manoel Biazerra de Mello**  
 SUPLENTE.  
**O Alferes Antonio Biazerra de Mello.**

-----

**Avizos Particulares.**

**1** Encarregado do fornecimento da Tropa no Departamento d'esta Proviúcia, declara que no annuo que fez para as Arrematações dos fornecimentos de carne fresca, e lenha para a Tropa, inserido no Diario N.º 62; houve engano quanto aos dias marcados para taes Arrematações, por que sendo o dia 29, feriado não se pode n'elle effectuar ditas Arrematações; mas sim nos dias 26, 27, e 28.  
*Joze Urbano da Silva.*

**2** F. J. dos Santos torna avizar aquellas pessoas, que ainda tem bilhetes da rifa da sua assignatura que podem hir a rua da Gloria no D. 16, assim como podem receber de quem os vende; pois que elle não responde por cousa alguma tendente a mesma rifa, e qualquer duvida que haja podem ir a mesma casa na rua da Gloria.

**3** Procurando-se no Correio cartas para Joaquim Joze Ribeiro Froes se achou o nome na lista, mas pedindo se a carta se soube que já havia sido tirada. Rogo-se portanto á pessoa que por iquivoco a tirou, a queira entregar na rua da Cruz N.º 22, visto que o objecto que ella contém interessa muito ao mesmo Froes.

**4** Sendo de absoluta necessidade o Officio de Torneiro, no Trem Nacional, e não havendo hum só Official deste Officio, em dito Trem, convida o Inspector do mesmo, a dois Officiaes de Torneiro que quizerem ali trabalhar, os quees podem dirigir-se ao mesmo Inspector, para tratar do seu ajuste.

**Compra-se.**  
**5** A Historia Universal por Bossuet, em latim: na rua Nova ao pé da Conceição D. 25.

**Vende-se.**  
**6** Bilhetes da Rifa que faz J. J. S. Lima & Comp., que se achão nos lugares seguintes: no Aterro da Boa-Vista D. 19, rua Nova D. 2, no Recife, rua da Cadeia D. 23, rua da Cruz, Armazem de Horrofre, rua do Queimado loja de fazendas D. 1, e 1º Armazem defronte do beco da Congregaçaõ, rua do Collegio Armazem de Baõs, rua Direita D. 3, D. 27, e D. 35, Sincõ Pontas loja de fazendas D. 3, e D. 42, em Olinda nos Quatro Cantos, venda de Francisco Gonçalves Costa, preço dos bilhetes 400 reis.

**N. B.** Como o primeiro premio possa ahhir a alguma pessoa que não possa tomá, conta em dito premio declarado no planor, sendo assim o proprietario offerce 200,000 reis em dinheiro assim como pertence que corra no 1.º de Abril, e por isso coitada ao Publico a compra dos bilhetes.

**Furtou-se.**  
**9** Do Armazem de Elias Coelho Cintra, 3 negros novos, grandes, na noite do dia 20 do corrente, os siunes sobre-altos, ugaõs Angolla, tem no peito esquerdo a marca, &c.; quem os descobrir ou souber dos ditos, terá 50,000 rs. de alvigeras.

**Leilaõ.**  
**10** Quo pertende fazer Russell Mellors & Comp., no dia 23 do corrente pelas 10 horas da manhã de fazer-las limpas e avariadas, rua da Cruz d'Alfandega velha. N.º 1.

**Viagens.**  
**11** Segue viagem para o Rio de Janeiro o Brigue Ingles Melby; toda a pessoa que se quizer transportar no dito, dirija-se ao Escriptorio de Lowe Ricardson & Comp., na da Moeda, (Forte do Matto) para tratar do ajuste; advertte-se que achará bons cômodos, e que até se demora até o fim do corrente mar.

**12** Para a Bahia segue viagem impreterivelmente até o dia 30 do corrente, o Brigue Ingles Rosina; quem no mesmo quizer carregar ou hir da passagem, dirija-se aos seus Consignatarios Jobaston Peter & Comp., rua do Vigario N.º 7.

**Escravos Fugidos.**  
**13** No dia Sexta feira 13 do corrente, desapareceu hum escravo crioulo, por nome Maria, com os signaes seguintes: estatura baixa, levando com siglo hum moleque seu filho, de idade 4 para 5 annos, com os pés apalhetados, e seco do corpo; os apprehendores os poderãõ pagar e levar os ao Sítio do Capitão Leitão Mourira de Carvalho, que recompensará bem o seu trabalho.

-----

*Pernambuco na Tipografia do Diario.*





## Sinal de identificação – vandalizado – da localidade “ABRANDA”

AUTOR: União das Freguesias de Reduze,  
Abranda e Atrava

TIPOLOGIA: Sinal de identificação de início  
de Localidade (de acordo com o Decreto  
Regulamentar n.º 22-A/98)

DATA: séc. XXI

N.º DE CATÁLOGO: #058

N.º DE INVENTÁRIO: MF.2022.004

PROVENIÊNCIA: Luís Belo

A localidade de Abranda, anterior freguesia de Abranda e agora, derivado do “período da Troika”, em Portugal, parte da União das Freguesias de Reduze, Abranda e Atrava – a Assembleia da República Portuguesa aprovou a Lei n.º 56/2012, de 8 de novembro e Lei n.º 11-A/2013, de 28 de janeiro que introduzem uma reorganização administrativa do território das freguesias (RATF) – é conhecida por ser atravessada por linha férrea sem guarda e sem sinalização adequada.

A despeito de toda e qualquer adequação ao bom senso a placa de indicação de início de localidade é sistematicamente colocada no limite máximo da extensão do território, fazendo com que, a placa “Abranda”, surja algumas centenas de metros antes da linha férrea (e antes de uma curva que em muito limita a visibilidade da referida linha férrea).

A consequência imediata é a de os condutores, ou não abrandarem (já que é uma placa de localidade) ou abrandarem (já que é o que a placa indica). Tal revelou-se propiciatório a um sem número de incidentes com os materiais circulantes na linha férrea. Por sorte, nenhum desses incidentes com consequências de maior, salvo danos materiais.

Os habitantes de Abranda, bem como os seus vizinhos de Reduze e Atrava, limitados nas suas competências quanto a estarem permanente expostos aos perigos indicados, tomaram em mãos um acto recorrente de “guerrilha sinalética”, qual horda de camponeses em busca de Frankenstein e – com maior ou menos capacidade e durabilidade das forquilhas e foices utilizadas – assumiram a destruição ou inutilização de toda e qualquer indicação de Abranda, antecedendo a localidade.

A afirmação de que a língua portuguesa é traiçoeira (argumento sempre invocado na Assembleia de Freguesia da União das Freguesias de Reduze, Abranda e Atrava), não surtiu efeito entre a população, pelo que, a cada ano, no dia 25 de Julho – tradicionalmente consagrado, ainda que oficiosamente, a São Cristóvão (que terá transportado o Menino Jesus através de um curso de água; portanto, é também o padroeiro das travessias seguras) – se dirige a população à placa e a vandaliza.

**ALICE MARCELINO** Artista luso-angolana que vive em Londres e trabalha entre Londres, Lisboa e Luanda. A artista formou-se na East London University com um bacharelato em Fotografia. No presente realiza um mestrado em Digital Media na Goldsmiths University em Londres. O seu trabalho visual explora noções de pertença, analisando a cultura, tradição, migração e identidade, e refletindo sobre o seu significado no nosso mundo global complexo e em constante mudança.



São Cristóvão, curiosamente, não é – desde 1969 – um “Santo oficial” da Igreja Católica, sendo a sua devoção apenas aceite/tolerada. Ao mesmo nível da placa nos restantes dias do ano, apenas tolerada, por falta de foices e forquilhas, já que não há, até ao momento, qualquer candidatura a fundos comunitários que tenha sido aprovada, para suprimento de alfaias agrícolas.

O Festival Burning Man, dos EUA, terá tomado nota da categoria e criatividade de algumas das intervenções ao longo dos anos e ponderou/pondera, uma extensão portuguesa, precisamente para a União das Freguesias de Reduze, Abranda e Atrava, desde que haja o compromisso de “fazer arder qualquer coisita”.

**LUÍS BELO** (Viseu, 1987) é designer gráfico, fotógrafo, ilustrador e artista. Formou-se em Artes Plásticas e Multimédia pela Escola Superior de Educação de Viseu. Como fotógrafo, viu o seu trabalho ser reconhecido ao vencer prémios atribuídos pela Canon, Fnac, Fujifilm, P3, Gerador e outros. Com a criação do projeto editorial “Medíocre”, publica dois ensaios fotográficos: “Emergir” (2012) e “Cidade Nenhuma” (2014). Em 2020 é coordenador editorial e fotógrafo em duas publicações “Neo-Topografia Gráfica e Descritiva de Monumentos e Memoriais Viseenses” (com Rui Macário); e “Um Olhar de Fora Dentro – Instameet Viseu”. No entanto, a atividade deste autor expande-se para lá da fotografia. Enquanto ilustrador tem 6 obras publicadas sob várias chancelas, incluindo a Editorial Presença. Organizou mais de 160 sessões de curtas-metragens em Viseu.

## Fragmento de texto não publicado de Bernardo Soares “Uma Língua sem Factos”

AUTOR: Bernardo Soares

TIPOLOGIA: Texto datilografado, sobre papel, com anotações a grafite

DATA: Algum tempo depois de 19 de outubro de 1931

LOCAL DE REGISTO: Lisboa

N.º DE CATÁLOGO: #059

N.º DE INVENTÁRIO: MF.2022.005

PROVENIÊNCIA: Steven Barich

Attributed to Bernardo Soares, identified as a dutiful bookkeeper and leisurely author, born to city of Lisbon and informal record-observer of being Portuguese, as defined by one who is himself—to paraphrase—“...created by language.”

Related to the many known fragments of reverie generated by the author previously published, this particular discovery enters the Linguistic Collection of the Museo do Falso by indeterminate means.

To explain how is beside the point.

To quote the author himself: “...orthography is just as much a living thing as we are.” Language thus lives. Is a person alive because of language? Does language give life? Is language just one vehicle for communication? It certainly can create an identity...

According to Soares, whether true or not, perhaps what makes all languages universal is the act of declaration of Being...in that a language that you claim is yours, becomes a part of you.

Soares.

-----

p. 326

Só encontramos inspiração numa língua quando a dominamos? Eu entendo dominar uma linguagem torná-la maleável à nossa vontade. E se há uma língua maleável, essa é a língua portuguesa. Ao nascer ninguém escolhe uma língua é ela que nos escolhe, por isso, quando nasci eu não escolhi a língua portuguesa, foi ela que me escolheu.

A língua só conhece as fronteiras de quem nunca saiu de casa ou de quem espreita pela janela a vida dos outros. Ao contrário das ideias, as palavras uma vez ditas voam não se sabe para onde.

É por isso que todas as línguas são universais, basta a gente querer que elas o sejam. Que eu esteja a ouvir a língua em Lisboa, em São Paulo, Londres, Paris, Honguecongue, Quieve ou à sombra de um coqueiro em qualquer ilha dos sonhos... ouço sempre a língua que quero.

É por isso que a língua portuguesa é mais universal de todas: é a minha.



## Placa publicitária do Edifício “Anacional”

AUTOR: Desconhecido

TIPOLOGIA: Fotografia impressa sobre  
acrílico

DATA: séc. XX (última década)

N.º DE CATÁLOGO: #060

N.º DE INVENTÁRIO: MF.2022.006

PROVENIÊNCIA: Joana Taya

**STEVEN BARICH** Steven Barich é um artista e educador americano que vive actualmente em Portugal. A sua prática artística emprega temas e/ou regras para orientar directamente o resultado da imagem ou objecto – tal que pode ser descrito com as palavras: reverberação, abstracto, massa negativa, padrão habitual, estrutura impossível, quebrado em um. As formas manifestam-se em desenho, colagem, vídeo e escultura, habitualmente apresentadas lado a lado numa única exposição. Steven Barich estudou no California College of Arts & Crafts (agora CCA) em Oakland, Califórnia, EUA, ganhando mais tarde um MFA em Pintura e Escultura do Mills College em Oakland, Califórnia. Expôs em numerosos espaços desde exposições alternativas dirigidas por artistas até museus da cidade, com intervenções periódicas realizadas no espaço público. Actualmente vive e trabalha no projecto Moinhos do Dão – Eco Quinta.

**FERNANDO MARQUES** Fernando Carmino Marques é Doutor em Letras pela Universidade de Paris IV – la Sorbonne, em 1997, Fernando Carmino Marques lecionou, de 1993 a 2002, língua, cultura e literaturas de expressão portuguesa nessa mesma universidade. Colaborou no Instituto Camões em Paris e foi docente responsável pelo ensino do português nas universidades de Versailles – St. Quentin e Marne-la Vallée. Entretanto publicou vários estudos sobre temas e autores portugueses e brasileiros, dos séculos XVI, XIX e XX. Exerce atualmente a docência no Instituto Politécnico da Guarda.

O Prédio onde fui Porteiro, no final dos anos 80 até princípio dos anos 90. Prédio da ENSA (Seguros de Angola), na Marginal, Baía de Luanda.

Prédio com um Letreiro de Lado, do comprimento do Prédio, onde na vertical se lia, em Letras grandes, “A Nacional de Angola”.

Prédio onde viviam pintores, espíões, professores, escritores e músicos. Entre eles o Rui Veloso.

Vizinhos de variadas nacionalidades, culturas, línguas e... gagos.

A maior parte do tempo não tínhamos água, e tínhamos que “Cartar” água.

O elevador estava quase sempre avariado, de maneira que os vizinhos cruzavam-se sempre nas escadas num vai e vem, sobe e desce.

Prédio de muitos mistérios e fofocas. Todos se conheciam, se cumprimentavam e conversavam com uma “confiança Local”.

As crianças, brincavam todas juntas no R/C, jogavam ao “Zero”, Futebol, Basquete e ao Elástico e muitas vezes iam às bodas/festas uns dos outros.

A luz faltava muitas vezes, o prédio ficava super escuro, dava muito medo, principalmente porque poderia estar alguém preso no elevador, como acontecia muitas vezes.

Nos anos 80, explodiu uma bomba no Primeiro andar, rebentou escadas, paredes e o monta-cargas até ao último andar.

Foi um ataque terrorista, por ser um prédio onde alguns dos moradores de alguma influência, se reuniam para escrever Conceitos e Estratégias Políticas, Económico e Sociais, que iam contra os valores desta oposição.

Mas até hoje o “Anacional” continua rijo e firme, um legado da Baía de Luanda, cheio de vida e estórias para relembrar.

Hoje o Letreiro já não existe, mas ainda se vê umas sombras do que lá estava, tal como o prédio, que lá está, mas que, aos poucos, vai ficando nas sombras.

Porteiro

Armando de Oliveira



Esta placa de acrílico, foi um suporte para venda de publicidade – os espaços revestidos a laranja seriam um modo de os anunciantes testarem a aposição dos seus grafismos. O Sr. Armino de Oliveira, acabou por conseguir ficar com um desses suportes para si. Foi por essa via que se fez inicialmente a sua preservação.

## Peça Comemorativa da Constituição da CPLP: “Lusom-Ipsum”

AUTOR: Não Identificado

TIPOLOGIA: Peça comemorativa,  
acompanhada de carta da CPLP ao  
artista

DATA: 1996 (?)

N.º DE CATÁLOGO: #061

N.º DE INVENTÁRIO: MF.2022.007

PROVENIÊNCIA: Nuno Rodrigues

**JOANA TAYA** Desenhadora gráfica e Pintora, natural de Lobito (Angola), a viver em Lisboa (Portugal). Com Mestrado em Desenho Gráfico e Artes da University of Creative Arts, Surrey, Inglaterra. Tem exposto o seu trabalho em galerias diferentes pelo mundo, como em Angola, (Luanda), Noruega (Stavanger), China ( Shanghai), na República Checa (Brno), Alemanha (Berlim), Quênia (Nairobi) e Portugal. Para além da sua carreira como pintora, também foi Professora de Desenho Gráfico em duas Universidades em Stavanger (Noruega) durante 5 anos, como também criou uma empresa de desenho gráfico, de nome de Unlearn Graphics. Sua Obra pertence a várias coleções nacionais e internacionais.  
“Exploro conceitos que refletem sobre emoções individuais. Sobre a mente, interações e percepções humanas. Sobre a essência individual e estados de ser, influenciados de contextos e codificação social. A minha pintura é expressa em retratos e figuras humanas, misturando contrastes geométricos e orgânicos, numa expressão meticulosa de movimento gráfico”.

Foi enviado para que chegasse ao MUSEU DO FALSO, de forma anónima, sem mensagem, uma peça artística “Lusom-Ipsum”, proposta à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), entende-se que sob proposta desta entidade, acompanhada de uma carta oficial de resposta ao autor. Esta maquete, exhibe a “Declaração Constitutiva da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa”, num formato arcaico de rolo.

O texto, em si, representação do espírito desta organização recém-criada, parece sofrer uma degeneração progressiva, transformando-se gradualmente em Lorem-Ipsum, texto simulado. Uma não-linguagem. Uma existência sem significado.

Oculto, no interior do rolo vinha uma carta, com o carimbo oficial da CPLP, descrevendo o processo de pedido, recepção e avaliação da peça e, por fim, dando nota de uma quebra de contrato por falta de respeito a uma cláusula acordada.

Breve interpretação: Para lá das subtilidades videntes da peça, de notar o tom tecnocrata da resposta, importante por tratar-se de assunto de matéria cultural, princípio existencial da CPLP.



**C - P - L - P**  
Declaração Constituinte  
da Comunidade dos Países de  
Língua Portuguesa

De (Chanceler de Brasília e de Coimbra de  
José Luís Rodrigues, Cabo Verde, Carlos Manuel  
Albuquerque, Portugal, São Tomé e  
Príncipe, António de Castro, Angola, 19 de  
Julho de 1996)

**Embodidos dos valores penosos de Paz, de  
Democracia e do Estado de Direito, dos  
Direitos Humanos, do Desenvolvimento e  
da Justiça Social;**

Desde a assinatura da Declaração Constituinte  
da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa  
em 1996, os Estados-membros têm vindo a  
trabalhar para a realização dos objectivos  
estabelecidos na Declaração Constituinte, e  
para a promoção da cooperação entre si.

Os Estados-membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa  
reafirmam o seu compromisso com a promoção  
da democracia, do Estado de Direito, dos  
direitos humanos, do desenvolvimento e da  
justiça social, e comprometem-se a trabalhar  
para a realização dos objectivos estabelecidos  
na Declaração Constituinte da Comunidade  
dos Países de Língua Portuguesa em 1996.

**Consideramos  
imperativo:**

Convidar e incentivar culturalmente a  
plurinacionalidade e a diversidade  
dentro dos Países de Língua Portuguesa  
reflexão e relacionamento especial  
entre eles e a importância  
de trabalhar em áreas de mobilidade,  
comunicação e inovação.

Encorajar a progressiva integração  
internacional do conjunto dos Países  
de Língua Portuguesa baseando a  
integração progressivamente descontinuada em  
classificações comuns.

Reforçar, entre outros, de tudo o que  
significativo para o bem-estar social dos  
seus povos, e implementar as reformas  
necessárias de desenvolvimento e de cooperação  
entre os países, incluindo esforços para a  
promoção do desenvolvimento económico  
e social dos seus povos e para a afirmação  
e reconhecimento da diversidade da Língua  
Portuguesa.

**Desejamos que a  
Língua Portuguesa:**

Continue, entre os respectivos povos,  
um veículo mediador e um património  
valioso resultantes de uma convivência  
multicultural que deve ser valorizada.

É um modo prodigioso de diálogo na  
diversidade cultural entre os povos e a  
participação de correntes internacionais das  
suas várias culturas, numa perspectiva  
aberta e universalista.

E igualmente, no plano mundial,  
fundamento de uma interacção conjunta  
entre os povos significativas e relevantes.

Tendo a ver, de tudo o que é relevante,  
um compromisso de cooperação e de trabalho  
nas organizações internacionais e dentro  
de cada um dos Países, no contexto regional  
e global, em benefício da promoção e  
integração que a todos são comuns.

**Assim, animados de autêntica confiança no futuro,  
e sem esquecer a importância dos objectivos seguintes:**

- 1. Promover a cooperação entre os Estados-membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa em áreas de mobilidade, comunicação e inovação.
- 2. Encorajar a progressiva integração internacional do conjunto dos Países de Língua Portuguesa baseando a integração progressivamente descontinuada em classificações comuns.
- 3. Reafirmar o compromisso com a promoção da democracia, do Estado de Direito, dos direitos humanos, do desenvolvimento e da justiça social, e comprometem-se a trabalhar para a realização dos objectivos estabelecidos na Declaração Constituinte da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa em 1996.
- 4. Promover a cooperação entre os povos e a participação de correntes internacionais das suas várias culturas, numa perspectiva aberta e universalista.
- 5. Encorajar a progressiva integração internacional do conjunto dos Países de Língua Portuguesa baseando a integração progressivamente descontinuada em classificações comuns.
- 6. Reafirmar o compromisso com a promoção da democracia, do Estado de Direito, dos direitos humanos, do desenvolvimento e da justiça social, e comprometem-se a trabalhar para a realização dos objectivos estabelecidos na Declaração Constituinte da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa em 1996.
- 7. Promover a cooperação entre os povos e a participação de correntes internacionais das suas várias culturas, numa perspectiva aberta e universalista.
- 8. Encorajar a progressiva integração internacional do conjunto dos Países de Língua Portuguesa baseando a integração progressivamente descontinuada em classificações comuns.
- 9. Reafirmar o compromisso com a promoção da democracia, do Estado de Direito, dos direitos humanos, do desenvolvimento e da justiça social, e comprometem-se a trabalhar para a realização dos objectivos estabelecidos na Declaração Constituinte da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa em 1996.
- 10. Promover a cooperação entre os povos e a participação de correntes internacionais das suas várias culturas, numa perspectiva aberta e universalista.



## Fragmento de pega [direita] do 1º Roboteiro construído em Angola

AUTOR: Dinis Primo

TIPOLOGIA: Fragmento, em madeira, de uma pega [direita] de Roboteiro [veículo], com etiqueta + fotografia do Cais de Alcântara (Lisboa), onde se observam caixotes e Roboteiro.

DATA: 1975 (ou anterior a)

N.º DE CATÁLOGO: #062

N.º DE INVENTÁRIO: MF.2022.008

PROVENIÊNCIA: Pedro Pires

*(robot + -eiro) nome masculino [Angola] Pessoa – também, por vezes e por extensão, o veículo – que transporta mercadorias ou materiais empurrando um veículo, geralmente de madeira, com apenas uma só roda.*

Fragmento do 1º roboteiro (carro de mão) – pega direita – construído em Angola, abandonado com a carga do Sr. V. S. Silva (nome completo desconhecido), no Cais de Alcântara, desde Maio de 1975, altura em que este retornou de Angola para Portugal.

Este 1º roboteiro foi idealizado e construído propositadamente em Luanda por um carpinteiro angolano, para levar os caixotes de V. S. Silva da zona da Maianga onde este residia, até ao Porto de Luanda de onde saiu o navio, que o levou e à sua família, para Lisboa. Durante o carregamento do navio não houve tempo para descarregar a carga e retirar o roboteiro do porão, tendo este sido transportado para Lisboa e nunca sido reivindicado, ficando ao abandono, juntamente com a carga que continha.

Dinis Primo, neto do carpinteiro Primo e hoje em dia construtor de roboteiros em Luanda, conta que o seu avô começou a construir estes carros de mão naquela altura devido à necessidade de transportar carga pesada em Luanda na altura da saída dos portugueses de Angola.

Este pequeno fragmento de uma das pegas serve de prova, de que os roboteiros começaram a ser desenvolvidos em Luanda antes da presença dos Russos no país, contrariando a história existente de que a palavra “roboteiro” é uma transformação da palavra russa “Rabota” (работа), que era entendida como “trabalha/trabalho” – de facto estando aplicada como uma ordem e uma associação de servidão quanto a quem era destinada a ordem, relativamente aos que a emitiam.

Este pedaço de roboteiro datado de 1975, comprova que já haveria carros de mão deste tipo anteriores à chegada dos Russos a Angola.

**NUNO RODRIGUES** Designer de comunicação, participou, pontual e/ou regularmente, na criação, comunicação e co-produção de vários projectos culturais: Jardins Efémeros (Pausa Possível), VistaCurta e Cinema na Cidade (CCV), Cult.Urb, Solos & Solidão, Karma is a Fest (Carmo'81), Mina e Canas 44 (Amarelo Silvestre), Palco Para Dois ou Menos (Naco), Obj Art Lab (João Dias), Viseupédia e Museu do Falso (Projecto Património), Projecto Karamázov (Ritual de Domingo), entre outros. Produz e participa em diversas publicações independentes, espetáculos multidisciplinares, exposições, filmes musicados, bandas sonoras, sonoplastia, cenografia, exposições, etc...



# Proto-Thesaurus Anchieta

AUTOR: José de Anchieta (1534 – 1597;  
atribuído a)

TIPOLOGIA: Livro

DATA: entre 1580-1595 (datável de)

N.º DE CATÁLOGO: #063

N.º DE INVENTÁRIO: MF.2022.009

PROVENIÊNCIA: José Cirillo (via Fundação  
Museu Anchieta)

**PEDRO PIRES** Nascido em Luanda, (1978, Angola) Pedro Pires usa diferentes suportes, técnicas e objectos do dia a dia, que são fortemente utilitários e produzidos industrialmente. Desenvolve estratégias de comunicação, sendo a figura humana um elemento constante no seu trabalho. Há uma preocupação em pensar em questões locais e globais, usando referências de contextos populares, tradicionais ou estrangeiros. Na sua pesquisa flutua entre três assuntos principais: um sentimento de identidade deslocada; migração e direitos humanos. Estas três áreas, que estão interligadas, funcionam como âncoras para a sua prática artística e pensamento. Reflete sobre a sua posição política, social e económica – que é díspar nos países dos quais tem nacionalidade, Angola e Portugal. Utiliza a sua experiência pessoal para questionar o mundo contemporâneo e criar paralelismos com assuntos do presente. Pretende questionar o presente para pensar sobre o futuro. A sua carreira artística estende-se por mais de 10 anos. Das exposições e projectos que participou destacam-se os seguintes locais: Museu de História Natural de Angola, Luanda, Angola; Museu de Belas Artes de Montreal, Canadá; 1:54 Art Fair, Somerset House, Londres, Reino Unido; Lagos Biennial, Nigéria; Cape Town e Joburg Art Fair, África do Sul; Poldra Festival de Escultura Pública, Viseu, Portugal; Lorne Biennale, Austrália; ExpoChicago, USA; Arco Lisboa, Portugal; Gallery Momo, África do Sul; Festival Política, Lisboa, Braga e Évora, Portugal; Art Paris Grand Palais, França; Residência artística na Delfina Foundation, Londres, UK; Casa da Cerca, Almada, Portugal; Hangar, Lisboa, Portugal. Mestrado em Artes Visuais, 09/10, Central Saint Martins College of Art and Design, Londres, Reino Unido. Licenciado em Escultura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa em 2005, Portugal. Em 2004 obteve a bolsa Erasmus para a Faculdade de Belas Artes de Atenas, Grécia.

## 1. Sobre José de Anchieta:

José de Anchieta (1534 – 1597) nasceu em São Cristóvão da Laguna, no dia 19 de março. Sua família era descendente de nobres. Ingressou na Companhia de Jesus ainda muito jovem, possivelmente influenciado pela leitura de São Francisco Xavier, dedicando-se arduamente aos serviços da ordem.

Anchieta deixa Portugal para dedicar seus dias e serviços às crianças indígenas da selva-gem Terra de Santa Cruz (hoje, Brasil). Junto a outros jesuítas, desembarcou em Salvador, na Bahia em 1553. Ali, em apenas três meses, ele aprendeu a língua falada pelos nativos do Brasil e começou a escrever a primeira gramática, a qual seria publicada, em Coimbra, apenas em 1595. Esse seu estudo linguístico, entretanto, auxiliou poderosamente os jesuítas e todos os missionários que chegariam ao Brasil nos anos seguintes.

No Brasil, tendo em vistas os seus dotes extraordinários, Anchieta é transferido para a Capitania de São Vicente (atual estado de São Paulo), onde aprimora seu trabalho de evangelização dos povos nativos por meio da língua e de atividades artísticas. Foi o inventor do Teatro Jesuíta, por meio do qual apresentava os ensinamentos cristãos e portugueses de modo lúdico.

É ordenado sacerdote aos 32 anos e enviado ao Colégio Jesuíta do Rio de Janeiro, dirigido por ele entre 1579 e 1573. Durante aquele período, fundou, em 1569, a povoação de Reritiba (atual cidade de Anchieta, no Espírito Santo, BR).

José de Anchieta faleceu em 1597. Em 1610, inicia-se o pedido de sua canonização, ocorrida apenas em 1980, três séculos depois. A residência de Reritiba, onde jazem seus restos mortais, tornou-se um Santuário e local de peregrinação nos séculos seguintes, vindo a ser denominado atualmente como o Santuário de Anchieta.



It is a list of items, possibly a botanical or zoological inventory, written in a cursive script. The text is partially obscured by stains and holes in the paper.



These items were remarkably well preserved.

A partir de 1587, já como Provincial da Cia. de Jesus, Anchieta comanda o Colégio Jesuíta em Vitória (1587 – 1595), quando se recolhe definitivamente em Reritiba, até sua morte (1597). Embora sem desenvolver as funções administrativas em Reritiba, segue dando aulas no colégio de Vitória, para onde caminhava regularmente cerca de 100 quilômetros para seguir nos ensinamentos, ministrando aulas. Esse é hoje um percurso de peregrinações conhecido como Passos de Anchieta.

Estudioso dedicado a escrever, teve durante sua vida publicadas duas das suas principais obras: Os Feitos de Men. de Sá, obra que relata a expulsão dos franceses da costa brasileira, publicado em Coimbra em 1563, obra considerada o primeiro poema épico da América; e A Arte da Gramática da Língua Mais Usada na Costa do Brasil, que vai conter os fundamentos da língua tupi-guarani, publicada pela Cia. de Jesus em 1595. A Arte da Gramática objetiva compreender o léxico das diferentes línguas dos troncos tupi e guarani na colônia, a fim de criar uma fusão linguística que permitisse a comunicação com esses povos originários. O tupi-guarani nascia como uma espécie de esperanto, que veio a permitir e facilitar o processo colonizador de modo mais pacífico.

## 2. Sobre a restauração do Santuário em Anchieta (BR) e as descobertas arqueológicas:

O Santuário de Anchieta, fundado em 1569, passou recentemente por um processo profundo de restauração, iniciado em julho de 2018. As obras de restauração do Santuário ultrapassaram o valor de R\$ 10 milhões.

Segundo Meire Lucia Sanmartin, arquiteta responsável pela restauração do edifício e chefe da equipe de resgate arqueológico, foram descobertos 14 objetos arqueológicos, sendo 13 relíquias da história religiosa do Brasil no Estado, como os Relicários de São Tomás de Aquino, Santo Inácio de Loyola, São Francisco Xavier e até um fragmento da Cruz de Cristo. Objetos pessoais, como um pequeno livro/caderno de anotações, foram encontrados em uma câmara secreta da cela de Anchieta. Apesar de ser de couro e papel, está em ótimo estado de conservação. Esse livro revela um pouco do processo de escritura de uma das mais conhecidas obra do Venerável Santo Anchieta, sua gramática da língua brasileira.

Assim, esse amplo processo de restauração, além de recuperar a estrutura arquitetônica, restaurar o imaginário sacro, também descobriu impressionantes peças de valor arqueológico que vão desde peças do cotidiano até ossos de enterramentos no pátio da igreja. O pequeno livreto, de uso exclusivo do Padre Anchieta, tem seus fólhos bem conservados pelo tempo, possivelmente por estar em um compartimento secreto nas pedras da parede da cela do santo. Ao que tudo indica, o pequeno livro é uma revisão de suas andanças pelo litoral capixaba e norte fluminense, durante as quais ele catalogava as línguas dos povos indígenas, buscando construir uma gramática da língua mais falada na costa do Brasil.

## 3. O pequeno Thesaurus: radiografia de uma língua que revela que o futebol é nativo do Brasil e não da Inglaterra.

O pequeno livro, embora não traga a assinatura do venerável padre, pode ser atribuído a ele, não apenas por ter sido encontrado na cela a ele destinada na Residência de Reritiba, mas, sobretudo, por portar no início do primeiro fôlio, o brasão de sua família, logo após o posteriormente ao brasão da Cia. de Jesus. Assim, historiadores e restauradores atribuem a ele a autoria desse rico material que compartilha conosco um pouco do processo de escritura de sua busca por criar o Tupi-guarani – língua que até recentemente era atribuída aos povos nativos brasileiros, teoria hoje desmentida pelos linguistas que evidenciam que ela é apenas a fusão de dois dos maiores troncos linguísticos dos povos originários, mas limitando-se a partes do litoral brasileiro. Entretanto, os séculos seguintes à publicação de sua Gramática (1597) vão popularizá-la como língua dos povos originários.

Uma curiosidade nesse material é que, ao que indica os escritos do santo, o futebol é uma invenção dos povos nativos brasileiro. Já nos anos de 1570-1595, Anchieta descreve um jogo ritualístico entre os homens das tribos que era jogado com seis a doze jogadores que corriam atrás de uma bola podendo usar somente a cabeça e os pés; era jogado em um campo de chão batido dividido em duas metades que era o território de cada um dos grupo que disputavam a pequena bola. Essa curiosidade pode ser vista ao longo de seis páginas dedicadas à descrição dessa atividade entre os povos nativos no século XVI.

## 4. Sobre o Thesaurus de Anchieta no Museu do Falso em Portugal

Vale a pena destacar que a presença dessa relíquia histórica em Portugal é uma excepcionalidade, pois a obra deixou o Brasil apenas para integrar as ações mundiais comemorativas do ano inaciano de 2021-2022, quando se celebra os 500 anos da Conversão do Santo Inácio de Loyola.

Para comemorar essa data tão especial para a Igreja e para a Companhia de Jesus, foi lançada uma agenda com os eventos que acontecem simultaneamente no Brasil, Espanha, Portugal e em Roma (Itália). Assim, até o final das atividades dessa celebração, esse tesouro da literatura portuguesa poderá ser visto durante a circulação das obras do Museu do Falso, organizada pelo Projecto Património, sediado na cidade de Viseu, Portugal.

Durante sua estadia em solo português, essa relíquia inaciana do século XVI ficará sob tutela da Direção Geral do Património Cultural, junto ao Santuário de Nossa Senhora da Lapa, também uma histórica residência jesuíta em Viseu. Excepcionalmente, para um maior acesso do público, a relíquia ficará em comodato com o Memória Comum – Associação, que por meio do Projecto Património a exibirá nas apresentações do Museu do Falso em sua edição de 2022.



## Réplica Contemporânea de Vénus Yoruba

.....  
AUTOR: Produção Artesanal Não  
Identificada (Lagos, Nigéria)  
.....

.....  
TIPOLOGIA: Escultura de vulto perfeito  
.....

.....  
DATA: 2022 (?)  
.....

.....  
N.º DE CATÁLOGO: #064  
.....

.....  
N.º DE INVENTÁRIO: MF.2022.010  
.....

.....  
PROVENIÊNCIA: René Tavares  
.....

**JOSÉ CIRILLO** Artista visual com experiência em escultura e arte pública. Pós-doutor em Artes pela FBAUL (Lisboa). Professor do Mestrado em Artes (PPGA/UFES). Atualmente, é professor Titular da Universidade Federal do Espírito Santo (Brasil), atuando nos seguintes temas: artes plásticas contemporâneas, escultura e arte pública; teoria do processo de criação e arquivos pessoais; memória e patrimônio. É editor da Revista Farol (PPGA-UFES, ISSN 1517-7858) e membro do conselho científico da Revista: Estúdio (ISSN 1647-6158/ e-ISSN 1647-7316) e da Revista Manuscrita (ISSN 1415-4498). Foi diretor do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo; é Coordenador do Programa de Pós-graduação em Artes da UFES. Desenvolve pesquisas sobre arte pública com financiamentos do CNPQ e FAPES.

Pequena estatueta adquirida num dos mercados de artesanato de Lagos, Nigéria. É chamada localmente de Vénus de Yoruba e é uma réplica da estatueta original, que se diz datável do século VIII a.C. e que tem vindo a ser replicada pelos artesãos continuamente. Neste momento, existe a discussão quanto a essa primeira e original escultura (ou um grupo a que pertença), poder ser a inspiradora da escultura grega pré-clássica e que, já no período e estilo arcaico, patenteava um revestimento cromático vivo e destacado (a despeito de se ter perdido essa noção, com o passar dos séculos). Se assim se confirmar, seria do povo e cultura Yoruba, a génese de uma expressão plástica que o Mediterrâneo – primeiro – e o denominado mundo ocidental – depois – manteve e propagou.



**RENÉ TAVARES** traduz na pintura e no desenho, através de linhas, linhas e manchas, uma síntese pessoal da sua própria identidade, sempre em processo, posicionando-se em constante movimento entre referências do passado e do presente.

Está interessado em aprofundar a permeabilidade das fronteiras entre histórias, linguagens e técnicas e compartilhar esse caminho exploratório. É um artista que reflete nas suas obras a sua própria experiência de deslocamento ou deslocalização contemporânea entre as várias zonas de contacto pós-coloniais.

Em muitas das suas obras está presente o que o artista chama de “l’imagerie comun”, a simples representação de um objeto ou forma vulgar que se insere num espaço pictórico de pura abstração e que permite o tratamento das linhas com técnica de desenho e com técnica de pintura, onde várias referências aparecem matizadas, expressas de forma ambígua, como que numa transposição do próprio funcionamento da memória.

Recentemente, as suas obras assumiram uma componente político-cultural, por meio do qual o artista chama a atenção para a realidade cotidiana, transferindo referências da memória, identidade e património para o contexto contemporâneo. Imparcialmente, René Tavares intervém no desenvolvimento sócio-político, não pelo desejo de assumir o discurso político, mas porque a política é necessariamente parte do regime da realidade cotidiana. Formado pela Escola de Belas Artes de Dakar, Senegal, ganhou uma bolsa em 2008/09 para estudar na École de Beaux Arts em Rennes (França) onde desenvolveu um intenso programa de pesquisa. Paralelamente, participou no curso de fotografia do projeto ARC/Rennes e em 2011 frequentou o Mestrado em Ciências da Arte e do Património na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

O seu trabalho tem sido exibido internacionalmente, em vários países, incluindo São Tomé, Portugal, França, Bélgica, Alemanha, Angola, África do Sul, Estados Unidos da América e China.

Em 2008 participou da exposição coletiva “Africa Now”, em Washington, organizada pelo Banco Mundial, e em 2015 participou da exposição internacional “Lumières d’Afrique”, no Palais Chaillot, em Paris - França.

Mais recentemente, foi nomeado para o prémio “O NOVO TALENTO ARTÍSTICO MAIS INFLUENTE DA ÁFRICA | FNB, Feira de Arte de Joburg 2018.

Atualmente vive e trabalha entre São Tomé e Lisboa e o seu trabalho é representado pela galeria de arte This is Not a White Cube.

## As peças do MUSEUDOOFALSO

são verdadeiras criações originais e exclusivas para o projeto. Em nenhum momento a realidade assumida como ponto de partida deve ser confundida com o que aqui (no contexto do MF) se propõe e configura. Pesquem! Confirmem! Não aceitem informação (a nossa, ou a de qualquer outra fonte ou meio), sem verificar e cruzar dados... por favor!

De qualquer modo e sem pruridos: o que o Museu do Falso apresenta inspira-se em existências concretas ou, ao menos, em historiografia. Não para “enganar”. Antes porque, por vezes, o erro e o engano estão onde menos se esperaria.

Museu do Falso

Direção & Coordenação-Geral  
**Rui Macário Ribeiro**

Design & Documentação Gráfica  
**Luís Belo**

Discurso Expositivo & Iluminação  
**Nuno Rodrigues**

Social Media Manager  
**Inês Ferreira**

Curadoria do Núcleo Linguístico  
**Pedro Pires**

Proveniências das obras que integram o acervo do Núcleo Linguístico:  
**Pedro Pires; Alice Marcelino; Binelde Hyrcan; René Tavares; José Cirillo; Babu/Hamilton Francisco; Joana Taya; Steven Barich; Nuno Rodrigues; Luís Belo.**

Apoio:

**Direção-Geral das Artes**

Parceiros:

**Terceira Pessoa**

**ACERT**

**Carmo’81**

**NACO**

**Biblioteca Camões (Bibliotecas de Lisboa)**

**Município de Viseu**

**Município de Tondela - Museu Terras de Besteiros**

**Município de Vila Nova de Paiva - Auditório Municipal Carlos Paredes**

CATÁLOGO  
Museu do Falso - Núcleo Linguístico

Coordenação editorial:  
**Rui Macário Ribeiro**

Design  
**DPX | Nuno Rodrigues**

Fotos  
**Luís Belo**

Editor: Miolo e Meio, Lda

Depósito Legal: 507912/22

ISBN: 978-989-54580-8-0

1ª Tiragem: 150 ex.

Viseu, 2022





PRODUÇÃO



APOIO



PARCEIROS



Núcleo Local de Animação Cultural de Ovarimonte



PARCEIROS INSTITUCIONAIS



maioria municipal de tondeira

